



Eu, Deus e o Vasco

Apesar da aparente esquisitice da associação, assim se deu o meu domingo.

O meu “Dia do Senhor” sempre se inicia, assim entendo, com a Santa Missa. Ensaio em minha mente esse esperado dia. Tento ser um bom católico. Espero que Deus reconheça o esforço desse miserável. Voltando à Santa Missa, essa se deu às sete e meia da manhã, o que para mim é uma benção, matinal, da qual definitivamente não sou merecedor. Sigo, assisto e volto para o meu café da manhã. Chegamos, eu e Sílvia, à Igreja com antecedência suficiente para rezarmos em grupo, reduzido, o Santo Terço. Nosso grupo só não é menor do que aquele presente quando o padre madruga e celebra a primeira Santa Missa Dominical às cinco. Credito esse baixo quórum aos excessos cometidos nos folguedos de sábado. Desnecessário dizer que não sou um folgazão. Dada à baixa densidade da assembleia sempre ocupamos lugares bem posicionados, ao nosso ver, e sem qualquer dificuldade. Costumamos sentar próximos à extremidade do banco. Eu na primeira posição pois minhas pernas, que de pequenas nada tem, assim exigem. Fazemos as nossas orações iniciais genuflexos e devidamente munidos do Santo Terço (não é o “American Express” mas não saia de casa sem ele!). Finalizado o Santo Terço, do qual me recuso a referendar os penduricalhos que insistem em colocar como que orgulhosa assinatura de obra- prima, aguardamos o início da Santa Missa. Confesso que, apesar de execrar quem se serve da ida à casa de Deus para se socializar, como que num convescote profano, não resisto a trocar alguma palavras com Sílvia, observando o que o ambiente nos apresenta, assim como as maluquices e arroubos dos leigos investidos da “autoridade” de serem parte da celebração, seja pela indumentária “Marvel” exibida, seja o que o ensaio do abominável “Ministério de Música” (aguardo, ansioso, pelo novo mandato de Bolsonaro para que o tal seja extinto, dentre outros motivos, obviamente) já nos ameaça, em antevisão da tortura.

Eis que o sino toca anunciando a entrada do sacerdote em procissão, não sem antes ser precedido por um bando de mulheres em pose de sacerdotisas do templo, que, a título de ministras da eucaristia, extraordinárias só na nomenclatura oficial, pois são contumazes, se fazem presentes mesmo na clara desnecessidade diante dos gatos-pingados. O Ministério ataca, tanto no espancamento do violãozinho vindo da “night”, quanto na performance das melosas músicas “cancãonovinianas”, que são de lei. E segue a procissão em direção ao presbitério até ser desmembrada, com cada um de seus membros assumindo a sua posição geográfica na celebração, mesmo que em muitos casos ilegítima. Mas isso é um outro caso, para uma outra “bula”. Finalmente a Santa Missa se inicia com o sinal da cruz e aqui também se inicia o meu encontro pessoal com Deus.

Segue a renovação do Incruento Santo Sacrifício, com o inevitável “background” do abominável “Ministério de Música”, se impondo pelo alto volume de suas, não raras, músicas heréticas. Impossível permanecer alheio a esse abuso e clara exibição de vaidades. Leitores balbuciantes e salmista em vestes que me fazem voltar no tempo e rememorar “Shazan” (sou velho), dão o ar de suas graças. Como não é a intenção desse texto sugerir algo próximo a uma mal disfarçada peça promocional dos “radtrad”, melhor iniciar o seu epílogo.

Chegamos ao momento máximo da Santa Missa. Aguardamos o padre com o cálice (sem patena, devo dizer) se dirigir à sua posição no corredor central ainda genuflexos e iniciamos a nossa caminhada em direção a fila já formada daqueles convidados para à Ceia do Senhor. Recebemos enfim o Pão da Vida, não por merecimento e sim pela infinita misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim foi. Assim sempre será. Retornamos, ou ao menos pretendíamos retornar, aos nossos assentos quando qual não foi a nossa surpresa.

Lá estava ele! Glorioso! Impávido colosso! Em todo o seu esplendor lusitano! Nosso bissexto fiel, torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, devidamente paramentado com a camisa do time da colina histórica, ostentando um exemplar de jornal diário local e máscara/focinheira, escarrapachado naquele que foi o nosso espaço de então, já que praticamente ocupava os dois lugares face à sua notável condição adiposa.

Em gesto que somente alguém de extrema grandeza pode oferecer, nosso “doublé” de bebezão e herói nos acena concedendo exíguos centímetros ao seu lado, naquele que um dia foi nosso local de repouso.

Sento-me e sinto. Sinto o cheiro do povo emanado daquele fardamento que, sabe-se lá, testemunhou quantos feitos fantásticos do time do glorioso almirante, de forma invicta!

Não sei se Sílvia também desfrutou do acre aroma. Penso que o vento lhe foi misericordioso.

Chagamos aos atos derradeiros. Recebemos a benção final e nos colocamos à espera da passagem da procissão de encerramento. Nosso bebezão, mais que rapidamente, some de vista. Quem sabe não foi participar à sua genitora o seu grande feito?

Aqui vai um diálogo que, se não ocorreu, bem que poderia, e que teria iniciado a epopeia cruzmaltina.

- Mamãe, mamãe, estou bonito?

- Júnior, onde você vai tão garbosamente trajado? Vai se casar e nada me disse?

- Ainda não, mamãe. Vou à Santa Missa! Não sem antes buscar inteirar-me das notícias, mamãe!

- Júnior, você sempre dando motivos para orgulhar-me de você! Meu lindo!

- São seus olhos, mamãe!

Se não foi, poderia ter sido...

Agradeço a Deus e a Sílvia a inspiração de sempre.